

20.05.21
→ 22h00

T

A

G

V

TAGV – SALA ZOOM

declAMAR Poesia **(online)**

NOVÍSSIMAS (As Poetas dos Nossos Dias)



O coletivo declAMAR Poesia é composto por cinco elementos (Vanda Ecm, Olga Coval, Catarina Matos, Lurdes Telmo e Rui Amado) que têm em comum o gosto pela poesia e decidiram começar a fazer leituras partilhadas, num ambiente intimista, criando assim um espaço informal de encontro com pessoas de gostos afins.

De regularidade tendencialmente mensal, sempre à 5ª feira, pelas 22h00 (a pontualidade é uma característica do evento), o declAMAR Poesia foi criando lentamente um público que é tão fiel quanto variado e variável. Combinou já a poesia com a música alargando assim o espetro inicial sem o desvirtuar e, em tempos de confinamento, reinventou-se organizando em parceria com o TAGV uma sessão online.

Tendo corrido bem vai repetir-se novamente em maio. A estrutura do evento mantém-se: o coletivo escolheu como tema NOVÍSSIMAS (As Poetas dos Nossos Dias), vai fazer uma seleção de poemas e partilhar a sua leitura com o público. Finda essa ronda inicial, haverá como habitualmente um período de microfone aberto para quem queira vencer a inércia da timidez e ler poemas próprios ou alheios. O desafio é sempre lançado nos mesmos termos: "Não tenham medo, o microfone não morde".

Curadoria e leitura dirigida pelo coletivo declAMAR Poesia Catarina Matos, Lurdes Telmo, Olga Coval, Rui Amado e Vanda Ecm **Coordenação** Luísa Lopes, Marisa Santos

Local TAGV – Sala Zoom **Duração aprox.** 1h00 (leitura dos poemas seleccionados) + microfone aberto
Acesso livre

VANDA ECM

A IMPORTÂNCIA DO PEQUENO ALMOÇO (Francisca Camelo)

qualquer mulher sabe que é preciso manter as tropas: passar a ferro as fardas
parir herdeiros esfregar o chãode joelhos o sarro sai melhor quem mais poderá
explicar às crianças a ausência do soldado do empregado fabril do político
fervoroso que põe o pão na mesa [1]
se o sexo é político, imagina as lides da casa lavar à mão as manchas de vinho
sêmen
sangue
fazer a cama quando vazia
reunir no prato os nutrientes necessários
para a capitalização do pai adúltero
depois de fazer o pequeno-almoço
as mulheres-âncora atracadas à enseada
assistem em silêncio à partida das armadas de dom João, o primeiro
o anterior
o pai deste
para que agora - isto não é novo -
pelo menos quinze mil machos sigam audazes.
a ideia é a de sempre: queimar florestas
rapinar minas
estuprar indígenas
baptizar terras que já tinham nome
reproduzir hospícios
e quartos forrados a papel de parede amarelo
enterrar a semente
bem funda no colo do útero
e aos poucos gerar novos
e delicados manequins de mãos calejadas
deixar que a geração anterior ensine a seguinte
a fazer o café
(atenção. não se faz café de qualquer maneira,
é preciso formar uma pirâmide de pó,
não deixar que a água toque no funil,
não ligar de imediato na temperatura máxima,
dar-lhe o tempo certo de ebulição,
mas continuando,)
vertê-lo quente na chávena de manhã
sementar esse pão vaporoso na mesa milagrosamente limpa
colher fruta fresca
valorizar a louça lavada
não regressar nunca à Sodoma abandonada
porque nessa o café já esfriou
quem faz o pequeno-almoço
sabe de tudo isto
retorna a casa só
e as mãos sempre invisíveis
costuram dores como contas de rosário nos dentes
e figos abertos no lugar dos lábios
só quem come o pequeno-almoço
tem a boca demasiado cheia
para perceber o fundamental:
é que sem elas o mundo não chegaria sequer ao meio dia.

1 (“pôr o pão na mesa” é:

- a) produzi-lo de raiz, a partir da massa mãe (a massa mãe leva entre 5 a 7 dias a desenvolver-se com água engarrafada a 27-28 graus e outros ingredientes que encontram no google);
- b) poder comprá-lo e depositá-lo num cesto em cima da mesa;
- c) uma frase utilizada para iniciar a sondagem que descobrirá finalmente “quantos pequenos-almoços preparou o teu pai enquanto crescias?”)

OLGA COVAL

LIÇÃO PARA MENINAS ESPARTILHADAS (Beatriz Hierrero Lopes)

Não gosto de bailarinas. Nem de actrizes. Nem de dísticos poéticos de orelhas furadas, pálpebras escuras e lábios injectados a vermelho em saltos altos; não gosto de decotes que imitam o ar marítimo, salvando da deriva os olhares nocturnos de rapazes mais pequenos do que redondilhas. daquelas que usam das frases, das palavras, duplicando-lhes o(s) sentido(s), abusando tipograficamente desse movimento literário de abre pernas que termina tão rapidamente como qualquer ideia por elas sugerida. Não gosto da Alice, nem dessa ideia já tão coçada da menina delirante que segue os desconhecidos até à toca: tenham ou não pêlo branco e relógio na mão.

Não gosto de ouvir versos quase silenciosos em bocas pintadas, ditos com a teatralidade mais empoeirada dos bordéis que, sem os ter conhecido, sei que existiram por existir em mim a memória genética de alguns homens que os frequentaram. E não é que não goste de bordéis, de saias curtas, de homens devotos às teorias neurasténicas do Egas Moniz a respeito da vida privada; mas o que é feito dos bordéis à moda antiga, das meninas mal comportadas, dos homens que as frequentavam, quando só se insinua uma ideia de desejo entre parêntesis que, à falta de escrita, assume a aparência de olhares indecorosos e de versos quase silenciosos? Não gosto de mulheres, de raparigas Alice, que poetizam o espectro libertino de um desejo em dísticos líricos que seguem todos os princípios da passerelle na medida da anorexia das mãos.

E é verdade, se me disseres que não gosto de mulheres sugeridas, como não gosto de redondilhas, de rimas encadeadas, nem de prosa de coluna partida que se passe por poema. Pois é verdade que há falta de mulheres de quem eu saiba gostar, e aquelas de quem gosto não manuseiam vírgulas, quebram versos, andam de pontas ou suam em público.

Nenhuma se chama Alice.

CATARINA MATOS

DÁ A NOTÍCIA AOS ESCARAVELHOS (Rosa Oliveira)

“É tarde já, mas nós queremos estar nus e à beira da navalha.” Paul Celan

o facto de a poesia fazer mal e indispor o mundo contra os poetas e que é um facto que vem de longe

o facto de haver milhares de quilómetros, anos luz de obstáculos entre seres que poderão vir a amar-se

o facto de desde a nascença fugirmos do homem que controla o martelo e a bigorna onde a nossa cabeça

mais cedo ou mais tarde vai repousar
o facto de avançarmos até à ravina mais próxima para espreitar o fundo tentando
vislumbrar
os dentes partidos em plena euforia da infância
o facto de os nossos mais enérgicos verdugos acabarem por envelhecer talvez não
a tempo
de nos salvarmos de nós
o facto de estendermos a língua sob o céu estrelado para prolongar a sinfonia
vetusta que devorámos
sem fome e sem sangue
o facto de caminharmos descalços sobre as lajes abstractas do passado concreto
o facto de os olhares que trocamos serem uma fenda de onde espreitam tardes
entediantes
noites mal passadas e anos de chumbo
o facto de a rainha náusea nos fazer crescer erva-inveja nas nossas garras mais
íntimas
o facto de o reduto do lobo ter um cerejal à volta e raparigas de gestos soltos
caminharem incautas
o facto de a corda do enforcado ter um comprimento sem fim à vista
o facto de a dor ser uma taça onde repousa o coração negro
o facto de a lucidez e o pudor se esconderem no fundo da oficina enquanto o
aparato crítico
dá um ar da sua graça em dias de festa
o facto de o humanismo cerrado nos deixar as frases inacabadas e nós
avançarmos
em carne viva pela nudez da posteridade
o facto de sentirmos constrangimento, suspeita ou raiva, enfim, as mortificações
que a poesia acarreta
o facto de percebermos tarde o que qualquer calceteiro de Cesário já sabia: que
não existe
essa coisa da poesia autêntica
o facto de um poeta na sala ser um embaraço obstinado como a agulha perdida
no sofá
o facto de tentarmos a todo o custo sermos dignos da pedra dentro de nós
fará de nós poetas em marcha para o hino?

LURDES TELMO

SEMPRE FUI MIÚDA DE SONHOS DESCABIDOS (Cláudia R. Sampaio)

sempre fui miúda de sonhos descabidos
miúda grotescamente poética,
chata de coisas que chateiam
de pernas fininhas que depois engrossaram

as miúdas poéticas são bobinas de filme, riscadas
são gaitas desafinadas
onde muitos passaram os lábios
mas não ficaram
as miúdas poéticas contemplam o suicídio
mesmo depois de uma taça de Corn Flakes
olham os telhados laranja de Lisboa
e pensam noutra sítio qualquer
semeiam flores para terem perfumes
matam-nas, por amá-las de mais

as miúdas poéticas têm cabelos desmoronados
de beatas e perguntas<
têm a roupa de detergente barato
e as unhas roídas à la carte
tossem devagarinho com medo de
agredir alguém
têm pose de girafa mas não chegam às árvores

RUI AMADO

queria chegar às árvores para comer folhinhas
acabadas de nascer
coçar-me com ternura
ver as pessoas pequeninas
agitar os ramos e saltar para cima de alguém

ficar às cavalitas e abençoar a Boaventura
as cavalitas são um sítio perigoso
porque achamos que somos maiores
mas não somos
olhamos os cucuruto de quem nos leva
e percebemos que é frágil como os ramos
de inverno

olha a mulher lá em baixo à espera do mundo
a mulher arqueada, a mulher criança
a mulher sem garganta a mulher sem filhos
a mulher que é um homem de vez
em quando a mulher toda

olha lá em baixo todas as perguntas que
nunca vamos descansar, meu amor,
meu guia de ilha tropical
que nunca aspiraremos como a noite dos
cigarros circunflexos, a noite velha
a noite fixa
e tudo gira em nosso torno como um bando
de pássaros curvos, derradeiros
ah, tão livres
tão impuros
mas é melhor descermos
é melhor remarmos em ânsia contra
o cimento, a casa fria
porque eu admiro os pássaros
mas não os venero
a veneração torna-os impróprios
paralisa sempre o bico.

II

VANDA ECM

A DIVISÃO DO FRANGO (Filipa Leal)

OLGA COVAL

EUROPA, SEGUNDA CARTA (Filipa Leal)

CATARINA MATOS

SEROTONINA (Cláudia R. Sampaio)

Deveríamos escolher ir para a esquerda
ou para a direita
é que sempre em frente, desalinhados
não chegaremos nem mais um passo
os teus pés nunca me acompanham
dizes tudo como nada, nada importa
eu sempre mais atrás.

Agora há horas a mais e as portas
batem-me na cara
andamos em redemoinho, uma centrifugação
de comida estragada
azedámo-nos
já não nos fazemos a digestão, andas
aqui para cima e para baixo como os
pimentos
não entras nem sais, não me dás
casa
vivo na rua desde que me puxas os lençóis
mudamos de abrigo e aposto
que chegas lá primeiro
eu fico sempre para trás
a ver o que perdemos.

Vou, mas fico
a autocomiseração é mais indigesta
que os teus passos à frente
e eu também preciso de me alinhar
bater continência à vida e alargar a boca
para os lados, coisa que não
me tem acontecido.

Tenho tudo pronto.

Andei a varrer os restinhos de serotonina
que nem me encham um saco
vieram misturados com cabelos e
pequenas farpas de madeira das
portas que batem, mas espero que chegue
deixo-te à entrada os meus sapatos
que nunca estão ao teu lado na rua,
sempre um metro mais atrás, como
a distância da minha vida à tua

vou descalça

LURDES TELMO

VERÃO NO MONDEGO (Júlia Zuza)

um golpe de chuva
molha a cidade
a água desce
como um cavalo
sem rédeas
leva indiscriminadamente
as palavras trocadas nas casas
o grito bêbado dos estudantes
a reza das tantas igrejas
o ruído dos melros

fica só o barulho da chuva
e um esquecimento
de dias passados
a água entra
pelos muros
lava os primeiros encontros
do casal de namorados
e o cheiro
de figos maduros
no verão

a chuva por fim
cai
sobre antigas fotografias
e borra
os detalhes de um final de semana
de maneira lenta
as cores dos rochedos
vão-se tornando
uma mancha única
e as pessoas ficam
sem nenhuma feição clara
a foto depois de seca
ficou amarrotada
mas parece
que finalmente agora
a fotografia conseguiu guardar
de maneira intacta
a sensação de estar
muito tempo na água
a ponto de sair
com os dedos
enrugados do rio.

RUI AMADO

A MULHER (Maria Sousa)

a mulher
organiza as sombras para evitar o escuro
na pele sente o medo.
é prudente na batalha com as perguntas

que pousam no dia
sorriso
quando o som do telefone invade a sombra
nenhuma palavra lhe sai da voz
deverá falar como se fossem outras coisas a
respirar em vez do grito?

à janela, o vento e o sol, limpam-lhe as vozes
sobrepostas a dizer aquilo que a voz não diz.
mas não hoje

disse que não seria capaz de mudar
perdida no quarto, pequenino, onde utiliza os hábitos
como movimentos grosseiros
nenhuma palavra ali tem asas

fica apenas o silêncio onde a mulher fecha
as persianas e depois as cortinas
sem explicar o sentido do grito

III

VANDA ECM

UNIÃO E UNIDADE (Susana Araújo)

OLGA COVAL

UMA VEZ QUISERAM-ME LOUCA (Cláudia R. Sampaio)

Uma vez quiseram-me louca, a arder
e eu ardi com a discricção de
um fogo posto
porque a cura vai na mesma direcção
que a nossa febre

Ateei-me como um relâmpago inesperado
à luz do dia
Eu parecia uma basílica em chamas
de altar por estrear, a arder sozinha

Sempre me recusei a arder como os outros

Ardam-se mais à esquerda ou mais à direita
mais a vento de sul ou de norte,
mas labaredem-se, sejam fogos que ardem!

Porque pior que a desdita loucura
é toda a gente andar em brasa
mas ninguém chegar a incêndio

E no fim são todos cinza

CATARINA MATOS

O MEU AMOR NÃO CABE NUM POEMA — HÁ COISAS ASSIM
(Maria do Rosário Pedreira)

O meu amor não cabe num poema — há coisas assim,
que não se rendem à geometria deste mundo;
são como corpos desencontrados da sua arquitectura
ou quartos que os gestos não preenchem.

O meu amor é maior que as palavras; e daí inútil
a agitação dos dedos na intimidade do texto —
a página não ilustra o zelo do farol que agasalha as baías
nem a candura da mão que protege a chama que estremece.

O meu amor não se deixa dizer — é um formigueiro
que acode aos lábios como a urgência de um beijo
ou a matéria efervescente dos segredos; a combustão
laboriosa que evoca, à flor da pele, vestígios
de uma explosão exemplar: a cratera que um corpo,
ao levantar-se, deixa para sempre na vizinhança de outro corpo.

O meu amor anda por dentro do silêncio a formular loucuras
com a nudez do teu nome — é um fantasma que estrebucha
no dédalo das veias e sangra quando o encerram em metáforas.
Um verso que o vestisse definharia sob a roupa
como o esqueleto de uma palavra morta. Nenhum poema
podia ser o chão da sua casa

LURDES TELMO

UMA MULHER MUITO INCLINADA PELA NOITE (Cláudia R. Sampaio)

Uma mulher muito inclinada pela noite
trazia nos braços a respiração de um homem
e a mãe deitada de olhos fixos na sujidade.

Uma mulher longa até ao fim do tempo
carregando pessoas nos pulmões
colunas altas de coroa animal
Inspirá-las era o seu cancro fixo

E é sempre a mesma ideia
que não passa
a mulher anda sobre o fogo que grita,
vivendo os minutos por largar

Alguém a beijou no corpo errado
não há forma de acertar no tempo
agora a noite corre na morada de outro nome
e a mulher existe exclusivamente
perdidamente vida fora
o aborrecimento a seus pés

Tudo parece ser outra coisa
uma ideia de amor desencontrado na memória
uma parede aberta para o infinito

A mulher ia subindo pelo abismo
com a vida arrumada contra as casas,
árvores assustadas do seu osso
À sua volta, os campos fingiam uma paragem
e a mulher ia pousando
com o susto da saudade

No lugar do corpo: uma flor
Em vez de sentir: o vento
Que a morte seja real
com tudo isto escrito

RUI AMADO

LIGASTE PELO MEU ANIVERSÁRIO (Gisela Casimiro)

Ligaste pelo meu aniversário.
Partilho o dia com a tua mãe,
vê como até nisso te facilitei a vida.
Ligaste para dizer que ias mudar-te

Fizeste as contas ao tempo passado comigo,
quase igual ao que passaste sozinho.
Falaste das pessoas, das paredes, do café por baixo.
Falaste das escolhas, do trabalho e da família
que durante algum tempo foi minha.
Falaste do bairro, da monotonia.

Lembrei-me do dia em que deixei
as minhas chaves na cozinha
por cima de uma lista,
mas não o disse.
O que procuras na minha voz
Há muito se calou.

Pela primeira vez não saberei a tua morada.
Não sei se a luz será a mesma,
mas o vazio será certamente menor
e talvez isso baste para seres feliz.
Ainda será um primeiro andar.
Ainda será perto da estação.
Ainda terá os mesmos móveis.

Ainda será a cinco minutos do jardim.

Mas agora a tua mãe tem Alzheimer
e talvez só na memória dela
o nosso amor exista ainda

IV

VANDA ECM

UM INFERNO É UM INFERNO É UM INFERNO (Francisca Camelo)

hoje sonhei que tinha o corpo inteiro tatuado
propositadamente para disfarçar as marcas feias

(marcas de quê?, perguntava-me, mesmo no sonho, marcas de quê?)
depois de repente
estava nua no meio de um corredor de supermercado
um velho asqueroso tocou-me gritei,
pedi para por favor parar
ele não parou
mas riu-se bastante “eu páro quando quiser”, respondeu
as pessoas olharam mas não agiram
tentava vestir-me mas o vestido estava rasgado e não entrava no meu corpo
ou o meu corpo não entrava nele
(eu continuava a perguntar-me porquê)
pedia ajuda
passaram três polícias
jovens brancos bem parecidos
ficaram a olhar de longe, mas em vez de se aproximarem
comentaram de longe as minhas tatuagens
elogiaram o corpo
o mesmo corpo que eu segundos antes naquele sonho
odiava de raiz, com todos os seus desenhos
que serviam para disfarçar as cicatrizes
(marcas de quê, afinal?, continuava a perguntar-me)
eles examinavam-me sem se aproximarem e eu pensava: ACAB - all cops are
bastards AMAB - all men are bastards ATAB - all tattoos are stupid
a minha cabeça continuava a elaborar acrónimos intermináveis
acordei cansada do silêncio
nós cerramos os olhos mas vemos (às vezes somos a força policial de nós
mesmas) dizemos desconhecer a origem deste nojo
desta tristeza
fazer de conta é mais fácil mas nós sabemos
ele sabe tu sabes eu sei
são quatro da tarde e ainda choro as notícias
há gatilhos fodidos
a humilhação de uma de nós serve na pele de todas
brasileira portuguesa moçambicana inglesa chinesa nós somos uma
uma é todas
esta garganta apertada que não sabe se grita se se rasga
há este nó que nunca se desfaz:
a violência é uma violação
o medo da violência é uma violação:
ter medo por si só é já uma forma de estupro
ACAB
AMAB
ATAS
os acrónimos intermináveis do medo nas paredes da rua da minha cabeça
(a mãe da mariana relatou ter encontrado a filha semi-desmaiada com um vestido
que fedia a sémen,
e a expressão que relatam as últimas seis palavras da frase anterior
não me saía da cabeça nem enquanto dormia,
talvez fosse esse o vestido que não entrava
ou talvez eu não quisesse entrar nesse vestido:
pelo menos nos sonhos temos o direito da recusa a vestir algo
que fará de nós vítimas imediatas - e não falo do vestido: falo do macho,
eu não quero (re)vestir mais machos
eu quero que eles se acanhem na vergonha do medo que provocam
eu quero reparação
eu quero mais do que justiça
eu quero caminhar à noite sozinha)

a violência a normalização da violência
a normalização do silêncio
se não ficares calada és uma puta uma louca e desfazem-te
- em casa, trancada,
ou no tribunal em frente às câmaras –
mas se ficas calada: começa o relógio decrescente para a auto-destruição
este sonho tem tantas interpretações
as tatuagens como cicatrizes
o querer cobrir-me e não poder
querer protecção e não ter
o desespero da nudez forçada no meio do supermercado
as interpretações, sendo honesta nem são tantas assim:
a violência
é medo
o medo
é uma violação uma violação
é um pesadelo
o pesadelo é um supermercado
e um supermercado é um inferno
é um inferno é um inferno é um inferno é um inferno é um inferno é um inferno.

OLGA COVAL

SORRIO AOS MORTOS E ENTERRO OS VIVOS (Raquel Nobre Guerra)

Sorriso aos mortos e enterro os vivos
como um objecto escuro
por que rodaram mãos e jeitos de luz.

Vivo como se não estivesse aqui
roupa leve como na vida.
E vou da primeira à última batida
na respiração de um pulmão doido.

Lê assim

podia arder a uma pouca distância de ti
nessa praceta que é um poema teu
e as coisas voltariam a mim, meras,
como o ser transportada pelos dias
mas cairei por aqui.

Meu amor

Porta no trinco e nada nas mãos.
Há muito que é tudo o que resta.

CATARINA MATOS

NÃO VIM AQUI PARA TE DOMESTICAR (Filipa Leal)

Não vim aqui para te domesticar
Vim para atravessar a ria a pé, para espetar os dedos
Nos anzóis. Vim para aceitar o medo da noite e dos gatos
para que me perdoassem de repente trinta e tal anos
de unhas perfeitamente limpas.

Vou tirar as meias. Vou tirar da sala o sofá e a televisão
e do meu corpo, o algodão que me protege do lixo.
Vou procurar árvores de frutos e comê-las.

Vi seres bicho selvagem e juro que não vim aqui
para te domesticar. Vim talvez para dormir melhor
apesar de ter dado a cama aos sopradores de folhas
do parque da cidade por não saber onde ficam
as florestas. Por não saber se ainda há florestas.
Por ter enjoado sempre nas curvas da Serra da Agrela
e no pinhal dos avós haver peles de cobra e
pegadas de raposa que eu nunca encontrei.

Não vim para te domesticar nem para te escrever.
Tens razão: é preciso crescer é preciso perder
o destinatário. Mas na poesia é diferente.
Não sei dizer porquê, é só diferente.

LURDES TELMO

RESTART THE HEART (Tatiana Faia)

homens bêbados
cantam na rua
a primavera

um deus
mais jovem
escolheu o seu começo
antes do tempo

enredou-se no empedrado dessa ruela
imitava-lhe com as mãos
num corte furtivo do ar
as tranças dos cabelos

com os olhos perscrutava
o quarto todo apagado
a desordem das roupas fora das gavetas
os objectos pelo chão e movidos os objectos
as superfícies cobertas de pó
uma ausência completamente habitada

com os olhos habituados ao escuro
acrescenta agora
não sabes quantas vezes
te destruiu e recomeçou

agarrou-te pelos pulsos
fechou-se sobre
os seus próprios sinais
magnético vingativo

ias girar sobre o centro
lá fora só um agora podia
cantar baixinho

o seu maior medo era calar-se

e foi essa a arma que escolheu
no fim daquela
tarde regressou
ao quarto pobre
e sujo com o senhorio
maldoso e indiscreto

o gato escapuliu-se
rasteiro pela porta
e correte atrás dele
pousando o cinzeiro

na estante da entrada

lembro-me sempre disto
e recomeço
e é só por isto que recomeço

RUI AMADO

HAVERÁ QUEM TE QUEIRA ROER A LÍBIDO (Catarina Santiago Costa)

Haverá quem queira roer-te a líbido
só porque o teu sexo tem a forma de um grão de café
com molusco dentro. Mas tu
mantém-te livre sempre.
E o que é ser livre senão cultivar e colher
aquilo que nos hidrata e nutre
dos alicerces à água-furtada.

Há um homem no bairro que me olha com os dentes todos,
um homem pequeno com um filho mais pequeno que ele
por sua vez pouco maior que a minha pequena,
um homem com um cão corpulento
e uma dentição tão feroz como a dele.

Um dia esse homem vai agarrar-me
seviciar-me, apostado que está em
amestrar-me, tornar-me servil
- é isso que temo e me diferencia
da vizinhança masculina.

Está tudo bem, por ora:
cheguei sã e salva a casa,
a porta, o cofre-forte e o frigorífico estão intactos
os iogurtes: frescos e dentro do prazo
as plantas desabrocham
as abelhas polinizam lá fora.
Tudo está em ordem.

V

VANDA ECM

BOTÂNICA CASEIRA (Rosa Oliveira)

OLGA COVAL

PRELÚDIO (Patrícia Baltazar)

Espero vir a conhecer o circuito das nuvens para calçar os passos da chuva e tocar as casas, os Homens. As árvores.

Sempre tive pressa de amar em tudo. De amar tudo. Tratar as feridas, lembrar-me de cicatrizes. Não olhar para trás quando o deserto está na frente. Amá-lo também.

Hei-de estar numa nave altíssima a ver tudo. Espero.

Espero também conhecer o Sol de perto para aquecer o sangue dos que estão tristes.

Hei-de soprar as folhas dos Plátanos, ternamente, muito devagar, para que as crianças lhes peguem e sejam felizes nesse instante. E sempre. Enviar boas sinas para as mãos delas.

Ver a vida da falácia imensa que existe depois. Chamar a paz.

Espero. Espero a luz chegar.

E espero não voltar.

CATARINA MATOS

SE (Raquel Serejo Martins)

Se eu tivesse pontaria e tu tivesses asas.

Se eu soubesse semear e tu fosses semente.

Se eu uma ilha e tu continente.

Se eu cautelosa e tu imprudente.

Se eu fosse chuva e tu fosses chão.

Se eu fosse a casa e tu o botão.

Se eu Josefina e tu Napoleão.

Se eu a modéstia e tu a vaidade.

Se eu fosse trânsito e tu a cidade.

Se eu fosse um pomar e tu respigador.

Se eu fosse água e tu fosses vedor.

Se eu um peixe e tu pescador.

Se eu um funeral e tu uma festa.

Se eu uma giesta e tu uma floresta.

Se eu o devedor e tu o fiador.

Se eu fosse um farol e tu faroleiro.

Se eu fosse a solidão e tu a saudade.

Se eu escuridão e tu claridade.

Se eu uma maçã e se tu Adão.

Se eu a decepção e tu o perdão.

Se eu fosse a fome e tu a vontade.

Se eu soubesse esperar e tu fosses pontual.

Se eu soubesse amar e tu fosses amável.

LURDES TELMO

FOI ENTÃO QUE ME PERGUNTARAM PARA QUE SERVE A POESIA
(Raquel Nobre Guerra)

Foi então que me perguntaram para que serve a poesia.

Para atrair as traças. Não soube dizer.

Quiseram fazer-me o horóscopo:

Gostava tanto de mexer na vida.

E se não fosse uma poeta, perguntaram,
seria o quê? Abri um livro ao calhas –
atleta, estafeta, hospedeira, jogadora compulsiva
de tudo o que me livra da contabilidade.

E um bom poema? Uma banana a apodrecer numa fruteira.
E o que a comove? Uma banana a apodrecer numa fruteira.
(Não se trata de metafísica de espécie nenhuma,
as nódoas negras sempre me causaram uma fraqueza.)

Quiseram até saber da minha vontade
o que ficaria escrito no meu epitáfio
E do que mandaria a um político.

Mas agora o que penso, o que quero é largar o moribundo
é o que o predador apaixonado pela caça deve querer.

Venham brincar comigo,
para já, para já
fica escrito.

RUI AMADO

SE EU PUDESSE SER BAILARINA (Patrícia Baltasar)

Se eu pudesse ser uma bailarina gostava de encantar um campo de guerra.
Saltitar leve por cima de explosões e atrocidades.
Atentar os cães à beleza de que o corpo é capaz.
Fazê-los olhar a paz durante um instante. Cessar-fogo pelo belo, e espantar
Deter as armas. Deter o fogo.
Encantar as crianças para lhes tirar o medo. Aportar-lhes vida brilhante aos olhos.

Mas Deus, como é só um ornitólogo e se distraiu com essa tarefa, deixou-me cair
no chão enquanto eu voava dançando. Amputou-me. Só porque eu não sou um
passarinho.

E eu agora já não posso iluminar as crianças nem os cães. Nem os homens da
guerra; para esses, que não querem ser encantados, se eu pudesse ser uma
bailarina, dançaria de granadas nos pés e armas nas mãos. Diluía-os.

Como não posso ser uma bailarina nem sou um passarinho, um dia, há-de ser a
estrela grande a engolir os sapos gordos.

São as notas de ruído indicando o fim do mundo.

